

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 51/53
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

do tempo
após o
dece que tr
na notad
al, C
de 19
de 19

Drummond

DF
LETRAS

ORA
faz dez anos...

ANDRÉ
STIA

A ousadia
que deu
bons frutos

DF Letras.

A N O S

**Pirajibana
enfeitiça telegrafista
de Salinas**

**A crítica e a crítica
dos "comunicólogos
de carteira"**

O adestrador de cães

□ LAUDO BRAGA

Cansei de vê-lo passar pastoreando um cão, ambos modorrentos, quase sempre à mesma hora, e na mesma direção.

Várias vezes cruzei com ele quando nas minhas andanças pelo parque, cumprimentando-nos de forma cavalheiresca. "Oba!" Tratava-se de um sujeito de fisionomia marcante: alto, magérrimo, pernas finas, ainda jovem.

A repetição, quase sistemática, daquele "passar" do homem e do cão, despertou-me alguma curiosidade. Verifiquei que nem sempre, à primeira vista, os cães eram os mesmos, embora fossem, via de regra, animais de pequeno porte. E de raças diferentes.

Um dia, não resistindo à curiosidade, fiz-me de indiscreto e indaguei a um dos circunvizinhos a respeito daquela personalidade singular, sistemática e solitária. Aliás, ele e o cão.

Adiantou-me o circunvizinho que se tratava de um adestrador de cães. O que na verdade fazia o estranho homem era adestrar cães, sempre presos à coleira e seguros por uma corrente a uma das suas mãos. Ora à direita, ora à esquerda.

E assim aprendi a admirar o trabalho daquele estranho ser e até mesmo a refletir sobre sua psicologia de lidar com esses animais tidos como muito inteligentes e em especial amigos do homem.

Lá ia ele, passos lentos, com o seu cãozinho à frente, ambos aparentando imensa tranqüilidade e em perfeita compreensão e amizade. Jamais vi um daqueles animais rebelar-se contra o seu condutor. Jamais os vi, sequer, latir; pareciam, na verdade, mudos. Do mesmo modo, não ouvi o estranho domador, ou adestrador,

como queiram os leitores, dirigir uma só palavra de comando aos seus "alunos". A minha atenção pelo "fazer" do estranho homem me levava a observá-lo, sempre, com crescente atenção no seu passar quase sempre à mesma hora, dominado por um misto de admiração e curiosidade. Tudo o que eu sabia dele, já que nunca me arrisquei a trocar uma palavra com o estranho ser, era que ganhava a vida naquele mister de adestrar cães. Uma profissão que, certamente, não prescindiria de um pendor particular pelo seu fazer, um jeito muito especial de lidar com os animais e uma técnica específica para transformá-los de feras em "mocinhos" muito bem comportados, adestrados e obedientes como assim o querem os donos dos animais.

O tempo passou. Como o caminhar daquele estranho homem jamais deixou de me despertar especial atenção, em virtude de sua compostura, paciência e particularmente sistematicidade, principiei a notar que os cães eram os mesmos. Certamente, uns quatro. Um preto, de pernas curtas e musculoso, porém pequeno; um orelhudo, amarronzado, um pouco maior do que o preto. Um outro, com compleição muito semelhante à do preto: musculoso, pernas curtas, pequeno, uma espécie de "totó". E um quarto, também de pequeno porte, meio "sará"...

Foi necessário muito e muito tempo de detida observação para que pudesse eu constatar que eram os mesmos cães. Sempre.

Daí me veio a indagação que jamais pode ter tido resposta uma vez que me limitei à simples reflexão a respeito da atividade daquele estranho ser: poderia tratar-se de adestramento por tanto tempo com os mesmos animais?

E aí, sempre ao cair da tarde, lá ia ele, ora com o "totó", ora com o "sará", ora com o preto, ora com o amarronzado.

Agora a pergunta encontraria uma resposta lógica. Na verdade não se tratava de um adestrador, mas de um provável maníaco ou um homem solitário, que fazia dos cães os seus únicos amigos, já que nunca o vi com outra companhia...

Lá ia ele, passos lentos, com o seu cãozinho à frente, ambos aparentando imensa tranqüilidade e em perfeita compreensão e amizade. Jamais vi um daqueles animais rebelar-se contra o seu condutor.

